

Direita sinistra

Nirlando Beirão

As pessoas que têm dinheiro, patrimônio ou investimentos, no Brasil, costumam morrer de medo da esquerda. Já é hora de começarem a se inquietar, isso sim, com a direita.

Nossa esquerda é, quando muito, pueril. Tende a acreditar, por exemplo, que se trata de uma conquista importante tabelar juros bancários na Constituição. Quase um milênio atrás, São Tomás de Aquino já se ocupava dessa condenação, e, desde lá, o preceito só existe para ser expressamente burlado.

Tabelando juros, alguns idealistas imberbes da esquerda e alguns oportunistas mais maduros do centro fazem de conta que estão desfecendo uma revolução contra os banqueiros, mas não há revolução à vista, no Brasil, desde que o deputado José Genoíno trocou a guerrilha rural pelo pinga-fogo parlamentar. Trocou, e gostou.

Se a esquerda é só ingênua, a direita, não: ela é arrogante, pouco ilustrada e, sobretudo, muito incompetente. Para ficar na Constituinte: a direita celebrou, como suas, algumas vitórias, como ter dado os cinco anos para José Sarney e ter impedido uma reforma agrária a sério no Brasil. Nenhuma dessas vitórias, a rigor, lhe pertence.

Os cinco anos de Sarney são dele, da curriola e dos construtores de ferrovia. Já a reforma agrária não tem nada a ver com o que poderia esperar, em seu benefício, o conjunto das forças conservadoras do país. Ganhou, apenas, a UDR, a reação enchapelada, a truculência de botas, o segmento atrasado, avesso a qualquer progresso, mesmo aquele que possa acabar beneficiando a ele mesmo.

Tanto no Japão quanto na Coreia do Sul — para citar dois xodós dos liberais de hoje — quem entendeu que não haveria crescimento industrial se a questão agrária não fosse resolvida antes, foram os exércitos de ocupação — leia-se, os Estados Unidos. Os barões do campo, no Brasil, continuarão donos de seus imensos e miseráveis roçados. A indústria terá que esperar, sentada, a criação de um mercado de consumo fora das cidades.

A direita apostou, na Constituinte, na liderança de Carlos Sant'Ana e de Ricardo Fiúza, assim como aposta, no Planalto, na liderança de José Sarney, o que demonstra cabalmente o seu nível de desespero de irresponsabilidade. É um pouco deprimente imaginar figuras como Mário Amato ou o presidente da General Motors arrastando-se pelos corredores da Constituinte em busca do apoio de um prócer nordestino do "Centrão". Com um mínimo de bom senso, não dá para acreditar que o esquerdismo do Lula seja mais pernicioso para a livre empresa do que o primarismo do atual ministro da Indústria e do Comércio.

Talvez se queira argumentar que Roberto Cardoso Alves é primitivo, mas é de confiança, mas se há alguma coisa difícil de entender é porque os conservadores celebram tanto a eficiência, na teoria, e fazem tão raramente questão dela, na prática. Veja o governo Sarney: é da fauna reacionária que pululava no regime militar, todos os bichos lá, sem tirar nem pôr, não há menor réstia de claridade no bloco que serviu, no passado, às trevas. E daí? Será que o presidente da Volks estará satisfeito?

Os malfadados economistas do PMDB foram embora, com seu receituário extravagante, ficou o arroz-com-feijão, mas é justo perguntar se é isso, de fato, que merecem os sofisticados paladares conservadores. A direita está no poder, na economia. E a economia é um desastre. Imagine só se a inflação "estabilizada" nos 21% fosse obra de um economista da Unicamp, e não de Cabrobó.

Descabelada, a direita presente as eleições e se agarra à primeira tábua que lhe passa à frente. Não dá para acreditar que tenham juízo os solenes senhores da Fiesp se eles estão dispostos a relegar a sobrevivência do *status quo* às mãos do prefeito Jânio Quadros ou à ponta da espada do general Leônidas Pires Gonçalves. É uma piada, uma brincadeira que vai se voltar contra eles próprios, assim como é um pouco macabro pensar que a reserva moral dos conservadores, momentaneamente exumada de seu silêncio expressivo, vem a ser o general Geisel.

Geisel se faz De Gaulle, sem ser sequer um Pompidou, mesmo porque a autoridade moral a que se arvora, e que cobra insolentemente dos outros, era a autoridade de uma lei de exceção, o AI-5, mas a direita olha com reverência para o peito estofado do general-presidente, sem se aperceber que ele é o problema, e não a solução.

Não falta ao país um Geisel, mas uma Thatcher, ou um Kohl, um Adenauer, um De Gasperi — está, aí, à disposição dos senhores do capital uma galeria de exemplos bem mais marcantes de como conduzir uma nação no passo miúdo de um reformismo cauteloso mas que não signifique apenas atraso. Falta à direita, no Brasil, um líder e um projeto, aliás, um líder com um projeto — sem as patacoadas de um Maluf, sem as balofices de um Antônio Carlos, sem os falsos cataplasmas morais de um Aureliano.

Este é o problema que a direita tem, e que tenta empurrar para os outros. Os conservadores, mesmo os nossos, merecem coisa melhor do que José Sarney e José Lourenço. E o capitalismo brasileiro, se é que quer fazer jus ao nome, não pode ficar na dependência da eleição de Jânio para a presidência ou das realizações de Robertão no ministério.

Nirlando Beirão é redator-chefe da revista Isto é/Senhor

SETE 1988
CANAL DO BRASIL